

## ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA REGIONAL: O TEATRO COMO LINGUAGEM

Miriam Bianca Amaral Ribeiro  
Cristina Helou Gomide

O trabalho que apresentamos a seguir compõe as atividades do DHUCA, Diálogos Humanidades, Ciência e Aprendizagem - Núcleo de Estudos e Pesquisa, em funcionamento na Faculdade de Educação da UFG, que desenvolve atividades que articulam as ciências que compõem a área de Humanas e exercita a aproximação com as diversas linguagens da arte. Partimos da convicção de que a arte e suas formas de elaboração e expressão não são um veículo ou instrumento operacional para o trato de conteúdos disciplinares de caráter científico. Consideramos a arte como componente imprescindível da formação humana, com sua possibilidade de sensibilização, criação, compreensão e crítica.

Do ponto de vista da fundamentação teórica, trabalhamos com o conceito de cultura histórica. Uma das primeiras contribuições significativas para a construção do conceito de cultura histórica veio através de Jaques Le Goff, em *História e Memória* (LE GOFF, 1992). Nessa erudita obra, algumas páginas sobre a inovadora ideia de cultura histórica foram suficientes para abrir um debate que, desde então, percorre o mundo dos historiadores. Le Goff refere-se ao conceito de “cultura histórica” como “o modo como os homens constroem e reconstroem seu passado, [afirmando que] o lugar que o passado ocupa nas sociedades é o que aqui me interessa” (LE GOFF, 1992, p. 47). As sociedades pensam sobre seu passado e expressam o que pensam; a forma como fazem isso é o que parece estar no centro das preocupações de Le Goff (1992), ao se apropriar do termo “cultura histórica”. Angela Castro Gomes (2007), muito próxima da interpretação de Le Goff, afirma que esse “conceito nos possibilita entender melhor o que especificamente os homens consideram sobre seu passado e que lugar (espaço e valor) lhe destinam num determinado momento” (GOMES, 2007, p. 46). Manoel Salgado Guimarães “supõe as diferentes possibilidades

\*Professora de Fundamentos e Metodologia das Ciências Humanas na Faculdade de Educação da UFG.

\*\* Professora de Fundamentos e Metodologia das Ciências Humanas na Faculdade de Educação da UFG.

de construções narrativas sobre o passado, servindo-nos como indicador a respeito de como as

culturas humanas elaboram suas relações com a passagem do tempo” (GUIMARÃES, 2007, p. 36). A difusão dos trabalhos de Rüsen no Brasil permitiu o aprofundamento do debate acerca do conceito de cultura histórica em sua dimensão política, estética e histórica. Sem prescindir do que é especificamente histórico, a consciência histórica demarca um potencial que racionalidade que se expressa na vida prática. (RÜSEN, 2007).

Esse trabalho associa extensão e pesquisa. Na realização do projeto, o público foi convidado a conhecer o acervo do museu, assistir ao espetáculo e ao final participar de um bate-papo com o grupo e a autora do texto, que é também autoras dessa comunicação. Este projeto é ainda uma continuação das pesquisas sobre patrimônio imaterial e da memória e identidade do estado de Goiás. O espetáculo Quecosô, Oncotô, Oncovô – Goiás: Singulares no plural é o terceiro espetáculo da Companhia Teatro Destinatário e busca discutir a identidade do povo goiano, contando sua história e debatendo a construção do nosso estado, suas influências, momentos e memórias. Quando começamos a entender a nossa história passamos a um processo de aprofundamento das possibilidades cênicas que nosso estado nos possibilita. Queremos trazer a cena o que é ser goiano, quem são essas pessoas que fazem nosso estado, que cultura é essa que está em nós. Mostrar e descobrir onde estamos e onde fica Goiás, não só geograficamente, mas artística e politicamente também. E que tudo isso nos leve ao futuro, perguntando para onde vamos, e que futuro queremos, perante as novas tecnologias, a liquidez das relações humanas e da arte, bem como a sociedade do esquecimento e desvalorização de nossa memória e história privada.

O trabalho aqui apresentado incluiu a produção de material pedagógico entregue a professores, coordenadores e demais interessados em aprofundar o debate ao longo do ano letivo, em ações interdisciplinares, após a apreciação do espetáculo. Apresentamos a seguir, um trecho do texto teatral e o material pedagógico para conhecimento e registro. A página do Teatro Destinatário nas redes sociais disponibiliza fotos e vídeos da encenação.

Para explicitar as articulações entre arte, história e ensino de história, apresentaremos as temáticas e abordagens da história de Goiás que motivaram a cena, antecedidas pelo texto original da cena, seguidas de questões para o debate e por fim, apresentamos sugestões de atividades, que são apenas algumas entre tantas possíveis diante da realidade específica de cada sala e escola, cada faixa etária e níveis de escolarização. Não apresentamos todas as cenas e por isso a numeração não é sequencial pois trata da sequencia original do texto completo. As músicas em cena são de

compositores goianos, sendo a maioria delas de autoria de Juráildes da Cruz, cuja obra pode ser visualizada no sítio [www.juraildescruz.com.br](http://www.juraildescruz.com.br).

**CENA 1** – *(abre com a música ‘Se correr o bicho pega’. Atores no palco se posicionando no palco, colocando objetos do cenário como cabide de roupas e adereços.)*

**‘Se correr o bicho pega’ – ( trecho)**

Eu quis fugir de mim...

Mas aonde eu ia eu tava

Quanto mais de mim eu corria

Mais pra perto de mim chegava

Quando o calcanhar chegava

O dedão já tinha ido

Escondendo eu me achava

E me achava escondido

Já nem sei quem sou

Já enjoei de me achar

No lugar aonde eu vou eu tô

**CENA 2**

*(Ao final da abertura sobram 3 atores em cena)*

**P1-***(andando em meio aos adereços que indicam as coisas de Goiás. Pega um pequi cenográfico, grande e diz como se filosofando a La sheakespeare )* ‘ Ser ou não ser, eis a questão. Goiano ou não goiano,tai a encrenca. Quecosô, oncotô, oncovô? Quecosô, oncotô, oncovô?’*( vai baixando a voz e o próximo entra)*

**P2-** Quecosô, oncotô, oncovô? - Quecosô, oncotô, oncovô? Vivendo neste cerradão, essa é a pergunta que não quer calar. Quecosô, oncotô, oncovô? - Quecosô, oncotô, oncovô?

**P3-** *( entrando com um tamborim)*Quecosô, oncotô, oncovô? - Quecosô, oncotô, oncovô?  
*((começa um samba com as expressões.P1 pára e fala aos outros)*

**P1-** Pára! Não dá pra acabar tudo em samba. Que é isso gente! Nessa terra parece que tudo tem que acabar em pizza ou em samba.

**P2-** Tem razão. Aqui é Goiás. *(pega violão e começa em ritmo de música sertaneja)* Quecosô, oncoto, oncovô.

**P1-** Ai, que coisa. Num é nada disso. É que eu ainda não desisti de saber quecosô. Eu preciso saber quecosô. Como seguir adiante sem saber quecosô?

**P2-** Tá certo. Afinal de contas, oncotô?

**P1-** E o pior vocês nem sabem. Pra saber tudo isso: quecosô, oncotô, oncovô, a gente tem saber doncovem.

**P2-** Como assim, doncovem? Eu vim de casa, ué. *(aponta pra platéia)* Num foi, mãe?

**P1-** Não é esse doncovem. É um doncovem maior, mais antigo.

**P2-** Ah, bom, entendi. Antes eu fui pra escola.

**P3-** Alooooo. Ela ta falando das nossas origens, das nossas raízes.

**P2-** Ah, isso eu sei. *(formal com se lesse uma lição decorada)* Nossas raízes são profundas, porque o cerrado é como se fosse uma floresta de cabeça pra baixo, porque só assim as árvores conseguem pegar água lá no lençol freático.

**P3-** Lençol o que?

**P2-** *(Exibido)* Freático.

**P3-** Mas, não dessa raiz que ele ta falando não.

**P1-** São as coisas que nos ajudam a entender o que a gente é, onde estamos e pra onde podemos ir.

**P3-** E isso não é pouca coisa não. É uma mistura danada.

**P2-** A gente é um pouco de muitos, de muitos tempos e lugares diferentes...

**P1-** Isso é uma longa história e eu tô dentro. Eu quero saber quecosô, oncotô, oncovô.

**P2-***(para a plateia)* Vamos nessa então. Vamos percorrer nossa história pra saber Quecosô, oncotô, oncovô?

**P3-** Quecosô, oncotô, oncovô?

### **b- Pensando as cenas**

Essas duas cenas abrem o espetáculo apresentando a questão central proposta: investigar quem somos nós, goianos de nascimento ou por adoção. O que nos aproxima de outras identidades regionais? O que nos diferencia? O que nos insere no projeto de uma identidade nacional, o que nos distancia?

Para construir possíveis respostas propomos percorrer a trajetória histórica de Goiás, construindo a noção de processo histórico. O texto está estruturado a partir de uma concepção de história que a considerada uma produção coletiva dos grupos humanos, movida pelas contradições que se estabelecem ao longo do tempo, no contexto das relações entre os homens e entre os homens e a natureza.

Assim pensando, não cabe uma história descritiva, centrada em grandes e heroicos personagens, que supostamente fizeram, eles apenas, a história de Goiás. Não que sujeitos específicos não tenham papéis específicos ao longo deste processo, mas tais intervenções se submetem e compõem o processo em questão. Da mesma maneira, atores, etnias, setores sociais ou movimentos nem sempre lembrados pela história regional assumem aqui seu lugar como participantes desta cena.

A questão que se coloca é: como todas essas contradições produzidas ao longo do processo de ocupação e transformação do espaço regional constituíram o sujeito social que aqui vive, convive, trabalha, ama, se diverte, elabora sua visão de mundo? Existe um 'sujeito goiano', homens e mulheres, ou não? Essa diversidade contraditória, conflitante e em permanente transformação, produz 'sujeitos' também diversos? Nossa história nos aproxima a ponto de formar um jeito goiano de ser, ou não?

### **c- Questões para o debate em sala de aula**

- 1- O que o autor da música de abertura quis dizer com a expressão: *‘Eu quis fugir de mim... Mas aonde eu ia eu tava’*? O que existe em todos nós, seres humanos, que, por mais que a gente queira negar, vai estar sempre com a gente?
- 2- O que existe em nós, que vivemos em Goiás, que por mais que a gente queira negar ou disfarçar, está sempre presente, onde quer que a gente esteja?
- 3- Você acha que a música sertaneja, especialmente a produzida por essas grandes duplas de sucesso nacional, podem ser consideradas símbolos da música feita por aqui? Ou seja, é só isso que produzimos em música em Goiás?
- 4- Por que, para saber quem somos (quecosô) e entender onde estamos (oncotô) é importante sabermos de onde viemos (doncovem)?
- 5- O que tem a ver as raízes do cerrado, aquelas que formam uma floresta de cabeça para baixo, com nossas raízes históricas? Ou seja, o que tem a ver o jeito que a gente vive com o jeito do lugar onde vivemos? Ou não tem nada a ver?
- 6- Por que o ator usou o pequi para simbolizar Goiás?

### **d- Sugestões de atividades**

- 1- Jogo de sombras: fique em lugar onde seu corpo faça uma sombra. Tem jeito de você ir a um lugar e sua sombra não ir junto?
- 2- Quais músicas você mais gosta de ouvir? Vamos pesquisar quais são as músicas preferidas da turma? Podemos fazer um gráfico ou tabela com os resultados.
- 3- Conversando sobre a pesquisa: o gosto da turma é diversificado, ou seja, a gente escuta de tudo um pouco ou a gente gosta da mesma coisa? Por que é assim?
- 4- Quais expressões e palavras você não conhecia e que ficou conhecendo neste texto? Já sabe o que cada uma significa?
- 5- O que quer dizer a expressão “acabou em pizza”?

#### *2.2- A questão indígena*

### **CENA 3**

*( dois adolescentes que cumprimentam-se com gestos típicos de adolescentes)*

**J1-** Aí véi, tá ligado?

**J2-** Só, meu. E aí, tá ligado?

**J1-** Só. Ligadão?

**J2-** Só. Ligadão. E aí, ligadaço?

**J1-** Só. Ligadaço. Formou.

**J2-** Qualé o lance pra hoje? Aí, ralei pra caramba e to a fim de liberar geral. Tudo de bom, tá ligado?

**J2-** To ligado. Só que eu to na dureza, véi. To sem grana nenhuma.

**J1-** Aí, véi, formou. Zero de cacau, bufunfa, capim, tutu. *(cumprimento adolescente desanimado)*

**J2-** Parece que a galera ia pra uma balada aí. Tá ligado?

**J1-** Qual balada, aí, véi, tá ligado?

**J2-** É um lance na praça, de graça, tá ligado? Acho que era um show do Michel Teló..., tá ligado? *(cantando)* Ai, se eu te pego....

**J1-** Ai, se eu te pego? Qualé véi, passa amanhã. Michel Teló, 'té logo. Ninguém merece. Que programa da índio, malandro!

**J2-** Hi, é mesmo, cara. Maior programa de índio.

*(começam sons indígenas e dança ou cena do cotidiano indígena vai se formando atrás)*

Será mesmo?

**J1**-Claro que é.(imitando a dança do *ai se eu te pego*, desprezando)Passa amanhã. Ninguém merece. Tá ligado?

**J2**-Não, véi. Será que índio vivia assim, do jeito quem a gente vive. Ralando a semana inteira, pegando ônibus lotado, e no fim de semana não tem grana nem pra ir por aí com os amigos?

**J1**-Ninguém merece, né? Índio tinha tempo de brincar no rio, descansar, ouvir as histórias dos mais velhos. E a gente, meu?

**J2**-Índio, por ele mesmo, num vivia nesse sufoco, não. Parece que programa de índio era muito melhor que o nosso, tudo de bom, véi, tá ligado?

**J1**- Tá certo que tinham lá seus problemas, suas encrencas, guerras, fome, problemas. Mas, daí falar desse jeito, num rola não.

**J2**-E por que a gente vive falando mal de programa de índio?

**J1**- Boa pergunta, véi. Mas, parei!!! Falo isso mais não. Ninguém merece, passa amanhã. Tá ligado?

**J2**-Formô, véi. Só... Tô ligado!

### **b- Pensando a cena**

A questão indígena, como tratada comumente pelos meios de comunicação e pelo senso comum tem chegado à escola envolta no etnocentrismo. Mesmo considerando a já distante conjuntura da colonização europeia, a forma com que lidamos com as etnias indígenas na atualidade tem sido sustentada em uma reelaboração permanente e contemporânea da noção eurocêntrica de mundo e de grupos humanos oriunda da ocupação colonial. Essa cena pretende polemizar e contribuir para desconstrução dessa concepção que repercute em nossos dias através do preconceito e da discriminação.

A cena também possibilita a discussão sobre comparação das formas de produção da sobrevivência características das sociedades indígenas e as relações capitalistas de produção,



através das diferentes formas de organização do tempo de trabalho e tempo de lazer, das formas de convivência, da formação da juventude e do papel do trabalho nas diferentes formas de organização da vida social. Vale ressaltar a preocupação em não romantizar as formas de organização das comunidades indígenas, também envoltas em contradições, como qualquer outra; embora se distinga radicalmente da lógica capitalista.

Também importa considerar que não tratamos a questão indígena como uma questão limitada ao processo de ocupação colonial, posto que sua existência, em muito, a antecedeu; ao mesmo tempo em que se trata de uma questão contemporânea, quando a ameaça de extinção sumária de etnias inteiras não são apenas boatos.

#### **c- Questões para o debate em sala**

- 1- Quais semelhanças e diferenças existem entre o modo de vida dos grupos indígenas e o modo de vida dos não-índios?
- 2- Você concorda com a ideia de que os índios são preguiçosos?
- 3- Existe apenas um modo de ser índio, ou seja, índio é tudo igual?
- 4- Quais palavras existem na cena que tem um significado específico na comunicação entre os jovens? Quais são esses significados?
- 5- Lazer e diversão são direitos de todos. Como você gosta de se divertir? Você tem tido como praticar essa atividade que você citou?

#### **d- Sugestões de atividades**

- 1- Quais outras expressões são próprias da juventude dos dias de hoje? O que significam? Que tal montar um mini-dicionário de expressões atuais da juventude que você faz parte ou convive?
- 2- Existem muitos cantores e músicas que fazem um sucesso imenso e logo desaparecem. Vamos listar algumas dessas canções e cantores?
- 3- Existem também canções e cantores que se tornam clássicos, ou seja, se tornam um referência no gênero. Você conhece alguma? Vale perguntar para pessoas mais velhas.
- 4- Quais outras expressões carregadas de preconceito, como aquela 'programa de índio' você conhece? Quais preconceitos elas reproduzem e reafirmam?

5- Quais grupos indígenas existem hoje em Goiás, onde e como vivem?

2.4- Cenas 4 e 5 - *A ocupação colonial e a escravidão negra*

2.5- Cena 7 – **Coronelismo e poder local**

### **CENA 7**

( Coronel sentado na sala, jagunços ao lado, uma mesa com urna)

**Peão-**( beijando a mão do coronel) A bença, padim.

**Coronel-** Bençoe, meu fio. E a Maria e os meninos?

**P-**Bão, sim senhor.

**C-** E o gado, já fechou tudo? Cê sabe que eu num gosto de nada meu esparramado. Nem gado, nem terra, nem gente. Nesse Goiás não foi fácil juntar gado, nem terra, nem gente. Deu um trabalhão...

**P-**Eu sei, sim senhor, coronel.

**C-** Sabe o que, peão. Sabe nada. Isso aqui começou com meu avô, bisavô, triavô, bota avô nisso. Desde que acabou o ouro nesse Goiás, até juntar um gado, foi muita terra que minha família foi tomando conta.

**P-** Parece que tomava mesmo. Tomava dum, tomava doutro. Ia tomando... Era isso que contava meu avô, meu bisavô, triavô... bota avô nisso.

**C-**É assim que se forma uma família tradicional por essas bandas. Sempre fomos companheiro de companheiro, que num deixa os amigos na chapada. A terra é grande, mas meu gado é junto.

**C-**Antes de vir votar, eu já juntei o gado todo, sim senhor.

**C-** Ah, cê veio votar, né? Pode ir votar. É ali no canto da minha sala. Dá o voto pra ele aí, Tião.

P- Coronel, se o senhor não levar a mal, eu queria saber só uma coisinha antes de votar. Coisinha à toa, bobagem minha.

C- Tá preocupado com a assinatura, né? È mais um querendo assinar. Preocupa não, meu fio. Já ta tudo assinado aí na lista já faz uns três dias. O Mané Justino é o único que sabe escrever por aqui e ele já assinou pra todo mundo. É só votar. É cada preocupação besta desse povo de meu Deus.

P-Não é isso não, coronel, nem assinar eu sei mesmo. O senhor é bom até nisso, já deixa tudo assinado pra gente.Ô home bom. Mas, é outra coisa. (*jagunço entrega o voto fechado, entrega e ele vai votar*)

C- Ai, meu deus, que que é agora?

P- É bobagem, mas os menino – aqueles que o senhor é padrinho pode querer saber, e eu num vô sabê fala.

C- Num sei nem mais quanto menino já batizei.

P- Vai que a muié pergunta...

C- por isso você num vira coronel como eu...preocupado com pergunta de mulher...Vai, desembucha que eu to ficando arretado.

P- Se não for incomodar, eu queria saber em que eu votei.

C-Mas, esse povo num sabe votar mesmo, num sabe o que é democracia. Passa daqui, ignorante, você num sabe que o voto é secreto?

### **b - Pensando a cena**

Aqui procuramos discutir as bases do mandonismo local tendo como referencia as praticas de controle político, apadrinhamento, concentração de propriedade. Consideramos estas questões não superadas em Goiás e no Brasil e a cada processo eleitoral essa conduta se sofisticava, mas se mantém. O controle dos processos eleitorais, como realizados na Primeira República, nunca deixaram de ocorrer, mesmo que hoje se compre votos com cartões cidadania, ameaças a bolsa

universitária do jovem estudante de uma família goiana ou se coloque em risco o contrato de *pro-labore* de um professor. Também, através da música, discutimos as relações campo-cidade, a identidade cultural do homem da roça em meio ao mundo urbano, nos ajudando a compreender que somos sim, todos com um pé na roça, embora nada tenhamos a ver com o mundo *country*.

### **c-Questões para o debate em sala**

- 1- Como se davam as relações entre o coronel e seus empregados?
- 2- O que significa a expressão: ‘*Cê sabe que eu num gosto de nada meu esparramado. Nem gado, nem terra, nem gente*’?
- 3- Por que a riqueza e a pobreza passam de geração para geração, como aparece na conversa entre o coronel o peão?
- 4- As eleições eram mesmo democráticas? Por que?
- 5- Qual era o papel do analfabetismo no controle da vida das pessoas, neste tempo?
- 6- Qual parece ter sido a principal atividade econômica desenvolvida em Goiás, neste período, a Primeira República?

### **b- Sugestões de atividades**

- 1- O que é um carro de boi, como é feito e para que servia ou ainda serve?
- 2- Levante as palavras do texto e da música que ainda são desconhecidas e não as deixe mais desconhecidas.
- 3- Hoje me dia, analfabeto pode votar?
- 4- Quem foram as pessoas eleitas nas últimas eleições e o que tem feito em seu mandato?

2.6- Cenas 8 e 9 – A Revolução de 1930 e a transferência da capital

### **CENA 8**

(*Entram casal de atores e 4 meninos imaginários, como nordestinos que vieram trabalhar na construção da capital*)

**Pai-** Anda, Sebastiana. Apressa esses meninos. Tenho que arrumar vaga na obra da Praça Cívica. Cuidado com minha sanfona, Zequinha.

**Mãe-** Calma, homem. A obra é aqui pertinho e pra fazer uma capital nova, vão precisar de muito mais nordestino do que a gente tudo junto. Anda, Tonho, ajuda Minervina a carrega as coisas.

**Pai-** Aqui tá bom. Deve ser aqui nosso lugar no acampamento. Vamos fazer um arroz com carne seca pra comer.

**Mãe-** Arroz ainda tem mas carne seca ta acabando. Também, de Juazeiro do Norte até aqui, só comendo isso...

**Pai-** Num reclama mulher. Num viu que aqui é a terra do progresso pra todo mundo? Cidade moderna, muita terra, muita água, muita fartura.

**Mãe-** ouvi dizer que é pra ser uma cidade pla-ne-ja-da, que vai ter umas 50 mil pessoas morando aqui. Tudo planejado

**PAI-** pois num é? Nada a ver com aquela cidade de Goiás Vээéí... Diz o tal de Pedro que num podia ser capital lá mais não. Que num tinha água, estrada de ferro, lugar pra crescer cidade, que o povo La era tudo doente( *imagens do caos de construção, transito, pobreza, terminal lotado no telão. Atores param, olham irônicos pra plateia*).

**MAE-** Doente não, lá era INSALUBRE.

**PAI-** Méqueé?

**Mãe-** INSALUBRE!

**Pai-**( *voltam à personagem*)Tem razão de juntar tanta gente pra construir a tal Goiânia.

**Mãe-** Difícil é fazer esses predio em art decô.

**Pai-** Agora ce falou uma verdade. A gente trabalha duro o dia todo e quando menos espera, ard o deco da gente mesmo. Ontem mesmo meu deco ardeu, mas ardeu bonito. Quer vê ? ( *sugere que vai baixar as calças*)

**Mãe**-Larga de bestagem, home. Um dia isso vai ta tudo tombado mesmo.

**Pai**- Tombado o que, mulher, que eu sou é pernambucano.( *bem macho*)

**Mãe**- Como patrimônio histórico, o art deco, homem...

**Pai**- Cadê esses menino que num vem almoçar, Sebastiana?

**Mãe**- Tão nesses matos brincando com a molecada. Correndo solto por essa Goiânia que mal começou.

**Pai**- Brincando de quê, que esses menino nem brinquedo tem!

**Mãe**-Ah, menino arruma qualquer coisa e vira brinquedo, vira brincadeira. Cê num lembra que você também brincava disso lá em Juazeiro?

( *congela pai e mãe. vão entrando crianças simulando que estão brincando com antigos brinquedos e jogos infantis tradicionais como amarelinha, pipa, peão, boneca de pano, etc* )

## **CENA 9**

( *Descongela família e chega empreiteiro* )

**Empreiteiro**-Severino Nordestino da Silva?

**Pai**- Sim, senhor, sou eu mesmo. (mulher fica atenta)

**E**-Juntem suas coisas que vocês que o acampamento dos operários vai mudar de lugar.

**Pai**-Mas, por quê? A obra é aqui pertinho. Fica fácil da gente chegar.

**E**- Por isso mesmo. Essa área aqui ta sendo muito valorizada, a cidade ta crescendo e os operários vão ter que ir pra beirada da cidade.

**Pai**-A gente ta aqui desde o começo da construção da capital. Agora que ta crescendo a cidade a gente vai pro lugar que só tem mato, de novo?

**M**-Mas, seu moço. É tão difícil começar tudo de novo, num lugar que não tem nada, de novo.

E- Se quiser continuar em Goiânia, tem que sair daqui. Vamos embora que o progresso já chegou aqui. Vocês vão pra um bairro lindo chamado Paraíso Ensolarado.

*(simulam mudança e chegam ao novo bairro)*

**Pai**-Ensolarado é mesmo, mas num vi nenhum paraíso. Cadê esses meninos, Sebastiana.

**Mãe**- Eles estão nesses mato atrás de passarinho. Já viu quanto passarinho tem nessas bandas, Severino?

**Pai**- por enquanto, por enquanto.

*( descongela casal que arrumam coisas da casa, chega empreiteiro)*

E- Severino Nordestino da Silva?

**Pai**- Ah, não, De novo? Agora que ta juntando mais gente no bairro? Já tem de escola aqui.

**Mãe**- Foi um foguetório a inauguração. Precisava ver que beleza. Disseram que no máximo em 10 anos ta funcionando.

**Pai**- E que daí mais um cinco, chega o posto de saúde. O que num quer dizer vai ter médico, porque eles disseram que uma coisa de cada vez.

E- Mas, tem que mudar mais pra beirada, de novo. É o progresso chegando.

**Pai**- Por que é que toda vez que o progresso chega, a gente tem que sair?

E- Reclama não, Severino. Vocês vão pra um bairro lindo chamado Jardim das Framboesas.

**Mãe**-*(arrumando as coisas)* Que diacho será framboesa?

*(novo movimento de mudança- seqüência de mudanças, pensar música tipo chaplin)*

E- Severino, Solar das cotovias. *(movimento de mudança, em seqüência que os vão tirando do palco)*

E- Residencial Duquesa de Orleans, a quinze minutos do centro...de Goianira.

E- Prive New Guapo.

PAI- Que que era insalubre, muié? E aqui ta insalubre pra nós tudo também. Esses coronéis brigam e a gente é que paga o pato.

### **b-Pensando a cena**

A revolução de 1930 em Goiás veio marcada pela substituição de oligarquias, saindo os Caiado e entrando Pedro Ludovico, mantendo-se como prática política o mandonismo local. A Marcha para o Oeste e a expansão capitalista trazida pelo governo nacional desenvolvimentista de Vargas, incluiu Goiás na rota da modernização sob a manutenção da lógica do capital. No entanto, a promessa de modernidade não alterou as relações de controle político. A construção de Goiânia e transferência da capital compuseram esse quadro que articulou a reordenação do pacto oligárquico regional e sua articulação com o processo nacional. No meio de tudo isso, o povo, aos poucos e nem sempre, se percebendo peça num tabuleiro que não era por eles controlado. Alie-se a isso a produção do mito do fundador da nova capital, tão ou mais necessária para afirmação políticos dos novos dirigentes quanto a própria construção da cidade. E também a infância, que mesmo sem condições mínimas, em qualquer tempo ou lugar, luta para existir como tal.

### **c-Questões para o debate em sala**

- 1- Quais foram os principais argumentos oficiais para a transferência da capital e a construção de Goiânia?
- 2- Segundo a cena, quem foram os construtores de Goiânia? Onde estão vivendo hoje, seus descendentes?
- 3- Existe mesmo em Goiânia, um bairro assim, tão distante e tão faltando tudo, apesar de ter um nome pomposo?
- 4- Como está Goiânia hoje, aos 80 anos? A promessa de cidade planejada e igual para todos, se realizou?



Ao longo das visitas e apresentações foram colhidas entrevistas junto aos alunos, professores, diretores, guias e demais funcionários dos museus e escolas, levantando as impressões sobre conceito de museu, sentidos e percepções da história regional e significados do ensino de história na formação do sujeito. Concluídas as visitas às escolas e ao museu selecionado, as apresentações do espetáculo e os debates, o projeto encontra-se em fase de transcrição das entrevistas realizadas ao longo do processo.

#### Referências bibliográficas

GOMES, Angela Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (Org.). Cultura política e leituras do passado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 45-63.

GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. A disputa pelo passado da cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). Nação e cidadania no Império: novos horizontes. Rio *História representada: o dilema dos museus* de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a. p. 93-122.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Ed UnB, 2007.